

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
FOCO SILVESTRE: CAMILO RESTREPO E O COLECTIVO L'ABOMINABLE –
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA**

27 de agosto de 2021

RETOUR À LA RUE D'ÉOLE – SIX PEINTURES POPULAIRES / 2013

de Maria Kourkouta

Realização, Argumento e Produção: Maria Kourkouta / Música: Manos Hadjidakis / Cópia: 16 mm, a preto e branco, falado em grego, com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / Duração: 14 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: 9 de Março de 2015 (“Nicolas Rey | Realizador Convidado”).

LA MACHINE D'ENREGISTREMENT / 2013

de Noémi Aubry, Wisam Al Jafari, Tamador Abu Laban, Firas Ramadan

Realização, Argumento e Produção: Noémi Aubry, Wisam Al Jafari, Tamador Abu Laban, Firas Ramadan / Cópia: DCP, a preto e branco e a cores, falado em árabe com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / Duração: 9 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

K (LES FEMMES) / 2003

de Frédérique Devaux

Realização, Argumento e Produção: Frédérique Devaux / Cópia: 16 mm, a cores, sem diálogos / Duração: 5 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

PLANCHES, CLOUS, MARTEAUX / 2014

de Jérémy Gravayat

Realização, Argumento e Produção: Jérémy Gravayat / Música: John Jacob Niles e Ghedalia Tazartes / Cópia: DCP, a preto e branco, falado em francês com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / Duração: 13 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

JÉRÔME NOETINGER / 2018

de Stefano Canapa

Realização, Argumento e Produção: Stefano Canapa / Câmara: Guillaume Mazloum, Stefano Canapa / Som: Jérôme Noetinger / Mistura de Som: Guiseppe Ielasi / Cópia: 35 mm, a preto e branco, sem diálogos / Duração: 12 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

TERMINUS FOR YOU / 1996

de Nicolas Rey

Realização, Argumento e Produção: Nicolas Rey / Cópia: 16 mm, a preto e branco, sem diálogos / Duração: 10 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

SEPTIÈME FRACTION / 2015

de Guillaume Mazloum

Realização, Argumento e Produção: Guillaume Mazloum / *Cópia:* 16 mm, a preto e branco, sem diálogos, com legendas em inglês e legendas eletrônicas em português / *Duração:* 7 minutos / *Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* o filme conjunto, com as sete frações, **Fractions**, passou na Cinemateca no dia 11 de Março de 2015 (“Nicolas Rey | Realizador Convidado”).

Duração aproximada da projeção: 70 minutos.

Com a presença de Camilo Restrepo.

Aviso: devido à natureza variada das cópias, chamamos a atenção para a ocorrência, durante a projeção, de breves intervalos entre os filmes.

A presente sessão é dedicada ao trabalho prolífico do coletivo L’Abominable, sediado em Paris e com o qual colabora o cineasta colombiano Camilo Restrepo, “em foco” na secção Silvestre do presente IndieLisboa. Antes de um coletivo, L’Abominable é um laboratório de cinema experimental que privilegia a utilização da película, sobretudo o Super 8 e o 16 mm, formatos em crescente ameaça de extinção desde que o digital se transformou no *standard* da realização e projeção cinematográficas. Sinal dos tempos e, *hélas!*, da inescapabilidade do numérico: a homenagem ao analógico cumpre-se nos materiais originários, trabalhados com espírito aventureiro por um grupo multinacional e multifacetado, mas a sessão não prescindirá do suporte DCP em dois casos. Ainda assim, enaltece-se o luxo de podermos ver estes filmes, na sua maioria, nos formatos que lhes fazem justiça: ou 16 mm ou 35 mm.

L’Abominable – o nome suscita uma brincadeira entre “abominável” e “lab minable”, isto é, “laboratório miserável” – é, pois, um laboratório, mas também uma produtora, uma escola, uma utopia, um movimento político e estético que resiste ao iminente eclipse da película, numa era em que o digital veio relegar o cinema para a condição de fantasmagoria sem pátria: não propriamente “corpo sem órgãos”, mas corpo sem corpo, só zeros e uns, em sintonia não com o mundo real, palpável e experienciável, mas com o mundo virtual e “ecranizado”. Num pequeno texto-manifesto presente no *site* do grupo, pode ler-se: “Agora que a autoestrada digital foi construída, temos a necessidade de inventar novas estradas secundárias.”

A existência de grupos como L’Abominable serve para lembrar as instituições, começando pelas cinematecas, da necessidade de se preservarem os formatos originais, sendo as criações aqui reunidas motivo essencialmente de resistência que vem afirmar uma determinada política de preservação do cinema, em face da incontornável revolução digital. “Os abomináveis” dirigem-se às cinematecas, nos seguintes termos: “A maior parte das cinematecas, desviando-se do seu papel histórico de retirarem os filmes do fluxo comercial para lhes dar a atenção devida como forma artística, está a abandonar sem um gemido a ideia de que os filmes devem ser mostrados no seu formato original. Poucas acreditam que um ‘museu do cinema’ digno desse nome deve mostrar os filmes tal como foram produzidos e mostrados quando foram criados – e não como fac-similes em sintonia com as tendências de hoje.”

Assim e antes de tudo, esta projeção tem uma motivação política intrínseca ao próprio ato de se poder assistir, numa cinemateca como esta, à maior parte destes filmes em película. Os temas e motivos de interesse divergem, mas, nesse aspeto, os sete filmes encontram-se: na atenção dispensada à matéria, em toda a sua rugosidade e brilho. Os olhos poderão lembrar-se de como é “tocar” no cinema – sim, tocar com os olhos, como a mão que se dá conta do relevo e impurezas de

uma superfície, por exemplo, do tampo de uma mesa feita de madeira antiga –, quando o cinema tinha corpo, órgãos, sendo o maior e mais profundo a pele – e é ela, lamentam “os abomináveis”, que está em risco de desaparecer para ser transformada em cosmética virtual, tendencialmente indiferente ou asséptica e fatalmente intangível.

O *medium* filme e o acontecimento da projeção em película elevados a uma espécie de suprema erótica da arte filmica? Os sete filmes que aqui se apresentam tornam evidente esse tal desígnio de lembrar a natureza primeira da invenção do cinema, aquela que um dia Louis Lumière predisse não ter futuro, mas cujo fim tem vindo a ser adiado até que chegámos, agora, ao ponto de não retorno: o cinema como um fac-simile ou mesmo cópia sem referente, pura “programação” virtual (o CGI pós-**The Matrix** [1999], pós-**Holy Motors** [2012]) e não coisa que se implica – e se inscreve – verdadeiramente no mundo (Brakhage, Kubelka, Rossellini, Hellman).

O aceno sublime às origens acontece logo em **Retour à la Rue d’Éole**, uma antologia de imagens e palavras de proveniências diversas, exumadas da memória sonora/visual/poética do país de origem da realizadora, Maria Kourkouta: Grécia, berço da civilização ocidental. O que se encena aqui, através da montagem que retemporaliza a ação dos corpos, é uma espécie de Marey desenrolado, qual puro efeito de montagem, sobre filmes gregos dos anos 50 e 60 do século passado, transformando a história das imagens num bailado repleto de rodopios, fugas e expressões “explosivas”. É nessa atenção dispensada ao movimento, a cada gesto ou expressão, que a autora descobre uma “verdade” escondida e, como acontece ao longo da sessão, esta *está*, esta *é* a própria pele desse mundo perdido chamado cinema (o cinema dos *filmes*, ou melhor, em *filme*).

A viagem continua, juntando-se à potência da imagem viva (que vibra porque tem corpo, é sensível), a potência da palavra dita. “Os abomináveis” têm tornado a sua missão, em defesa dos suportes físicos, num meio para intervirem no mundo, apontando a câmara para os ângulos mortos da sociedade. **La Machine d’enregistrement** fala-nos da possibilidade do cinema servir de instrumento de registo e de sobrevivência: três realizadores palestinos narram a sua experiência num campo de refugiados, em Dheisheh, confessando o seu amor ao cinema, ao modo como este tem acalentado sonhos e lhes tem dado o que os ingleses traduzem bem numa expressão: *sense of purpose*. Uma das realizadoras/refugiadas lamenta não ter ainda condições para montar as imagens que regista, projetando-se num futuro em que possa dar um sentido – tratando-se este de um sentido redentor, aqui – ao seu cinema. Há o cinema de cada um, pessoal e transmissível, e há o cinema de todos, esse lugar onde ninguém – mesmo ninguém – está imune às fórmulas mágicas e ao qual assiste o poder transfronteiriço do sonho.

K (Les femmes) é a terceira parte de uma série de filmes dedicada à região da Argélia de onde tem raízes o realizador “abominável” Frédérique Devaux. Todos os filmes da série caracterizam-se por um minucioso, mas extremamente ritmado, trabalho sobre a materialidade do *medium* em sintonia com a matéria viva dos assuntos com que os realizadores se engajam. Aqui, homenageiam-se as mulheres da região de Cabília (mães, lavadeiras, dançarinas) numa rica mescla de fotogramas, muitas vezes retalhados, sobrepostos, ralentizados, negativizados, pintados... Como num filme de Peter Kubelka, a ação sobre a película acompanha, digamos assim, o doce exotismo da banda musical, sendo este, definitivamente, o mais “animado” (e colorido) dos filmes deste grupo.

A propósito de **La Machine d’enregistrement**, perguntava-me: é possível sonhar num campo de refugiados? O cinema – neste preto-e-branco vibrante – diz-nos que sim. É possível também, e já agora, sonhar numa *bidonville*? O cinema está ali para mostrar o estado ruinoso das casas onde vivem os imigrantes parisienses. É este o objeto de análise – mas também de inquérito – do filme **Planches, clous, marteaux** de Jérémy Gravayat, produto de uma investigação sobre a evolução dos bairros de lata, onde moram, ainda hoje, famílias provenientes da Jugoslávia, do Magrebe, de Espanha e, claro, de Portugal. A coleção de imagens, misturando o passado com o presente, revela

um lugar arruinado (a ruína do lugar é, por vezes, acompanhada pela ruína da própria película), onde, apesar do “sem futuro” a que parece votado, o povo que lá habita dança de noite, à beira da fogueira. É difícil não nos lembrarmos da impressionante reportagem da autoria do fotógrafo jornalista Gérald Bloncourt nos bairros construídos pelos emigrantes portugueses em Paris. O fotógrafo descrevia estes bairros da seguinte forma: “[Era] uma forma de escravatura moderna. Havia lama no inverno, era frio. Eram barracas feitas com tábuas, bocados de chapa. Era uma vida difícil, muito rude. Os homens iam trabalhar para as obras, as mulheres ficavam com as crianças.”

Há a palavra dita, de denúncia e sobrevivência, mas também há o som, que está presente em vários destes filmes de maneira particularmente criativa e sensível, mas que é objeto central no filme-*performance* **Jérôme Noetinger** de Stefano Canapa. Durante 12 minutos assistimos a um concerto do improvisador francês que dá nome à curta, tirando partido de um jogo entre estática eletromagnética, ondas de rádio e elementos concretos musicalmente muito invulgares, tal como uma lata de refrigerante. De novo, o tema das materialidades assalta esta sessão.

Terminus For You de Nicolas Rey, um dos fundadores de L’Abominable e cineasta que já mereceu uma retrospectiva e carta branca na Cinemateca Portuguesa no ano de 2015, é uma viagem de imagem e som (já percebemos como este coletivo estabelece sempre um diálogo não-linear entre as duas bandas da película, do som e da imagem) ao metropolitano parisiense. Rey tira partido do movimento dos corpos, por vezes quase inertes, dos transeuntes nas passadeiras rolantes, para elaborar, ao mesmo tempo, o próprio movimento do *déroutement* da película sempre vulnerável à ação criativa, por vezes erosiva, da sua mão de montador. Em imagens predominantemente negativizadas, à beira da extinção, os utentes do metro desfilam em frente à câmara, entretendo-se o montador em fixar-lhes as expressões do rosto, congelando uma reação espontânea que confirma a humanidade destes habitantes do *underground* citadino. Nesta cidade de espectros, Rey integra, em jeito de coro grego, mensagens da publicidade que impelem a uma ação qualquer (amar, oferecer, agir, etc.), como se estivessemos algures entre um filme de Godard, os universos de Peter Emmanuel Goldman (pensei nessa sinfonia de fantasmas chamada **Pestilent City** [1965]) ou o grupo *avant-garde*, que ganhou o nome de Zanzibar, cuja estética me parece correr no sangue destes “abomináveis” e onde pontificaram realizadores como Philippe Garrel, Jackie Raynal e Serge Bard.

Seguimos em frente, não de metro, mas de carro, rumo ao império da noite. O último filme é um fragmento, o sétimo e último de uma média-metragem (já mostrada na Cinemateca Portuguesa), assinada por Guillaume Mazloum, uma viagem *on the road* sob a luz desmultiplicadora de várias luas e (como é regra em cada uma das sete frações fílmicas) partindo de uma citação literária, desta feita, de uma frase extraída de *Rua de Sentido Único*, obra do filósofo alemão Walter Benjamin, autor que, em vários dos seus textos, cantava a triste sina dos objetos únicos e do ocaso da aura na trituradora sociedade de massas. O que escreveu o programador Antonio Rodrigues na Folha de Sala da referida sessão, sobre o conjunto das frações realizadas por Mazloum, serve de remate àquilo que se propõe não só neste filme como em todo o presente programa de curtas: “Estes filmes e outros da mesma constelação cinematográfica têm outra virtude: são objetos muito concretos, sobre coisas concretas, num mundo cada vez mais desmaterializado e virtual.”

Luís Mendonça